

BENVENISTE E A REPRESENTAÇÃO DO SENTIDO: DO ARBITRÁRIO DO SIGNO AO OBJETO EXTRA-LINGUÍSTICO

Por Simon BOUQUET (Université Paris X)

1. Introdução

Meu propósito é ilustrar como a crítica de Saussure por Benveniste é construída sob o pano de fundo de uma perspectiva de ilusão de óptica¹. Esta perspectiva em forma de ilusão de óptica é a do Curso de Linguística Geral (doravante CLG).

O CLG, como sabemos, está organizado na forma de três conjuntos de aulas dadas entre 1907 e 1911 e é baseado em alguns escritos pessoais de Saussure. As notas de alunos dessas aulas foram publicadas por Rudolf Engler em 1968 e 1974. Refiro-me a esse *corpus* pela expressão *textos originais* sobretudo em razão de tais textos estarem na origem do CLG e de Bally e Sechehaye não terem assistido de fato a nenhuma das aulas de Linguística Geral de Saussure.

A analogia é grande entre os originais e o CLG. Mas há pontos - ou seja, proposições ou conceitos estenografantes proposicionais - sobre os quais existem diferenças significativas. São essas proposições e esses conceitos que, tal como aparecem distorcidos no CLG, podem ser considerados como constitutivos do caráter de ilusão de óptica desse texto.

Na medida em que artigos como *Natureza do signo linguístico*, *Os níveis da análise lingüística*, *Semiologia da língua* ou *A forma e o sentido na linguagem*, se interessam pela lógica global da teoria saussuriana, e na medida em que, como veremos, verifica-se que Benveniste sustenta sua crítica com referência específica a essas proposições ou a esses conceitos como ilusão de óptica, seria justificável, a meu ver, organizar, hoje, um confronto que pudesse ser intitulado "Saussure e Benveniste vinte anos depois."

A motivação para tal confronto não seria somente mostrar que, de fato, Benveniste acusa Saussure de argumentos que não são seus, mas principalmente perceber que a crítica de Benveniste, visando superar Saussure, poderia ainda, ao menos em determinados aspectos, ser ela mesma superada pelo pensamento que aparece nos textos originais.

¹N. T: "trompe l'oeil". Também traduzido por *engana o olho*, é uma técnica artística que, com truques de perspectiva, cria uma ilusão óptica que mostra objetos ou formas que não existem realmente.

Poderíamos mostrar que esse é o caso da teoria benvenistiana do signo linguístico e sua teoria da frase. Ainda que seja um programa muito extenso para uma comunicação como a deste texto, desejamos tratá-lo com algum detalhamento possível.

Dessa forma, tomei a decisão de limitar meus comentários e me contentarei em confrontar o artigo da *Natureza do signo linguístico* às duas instâncias discursivas saussurianas que são o CLG, de um lado, e os textos originais, de outro. Por consequência, levarei em conta, na crítica de Benveniste, os temas relativos à *arbitrariedade do signo* e à *relação da língua com a realidade extra-linguística*, tal como foram desenvolvidos em 1939.

O artigo de Benveniste e o CLG estão presentes em todos os interassados pela Linguística.

Em contrapartida, o mesmo não ocorre com os textos originais. Por esta razão, devo primeiramente me ater um pouco mais nestes textos para, posteriormente, desenvolver minha confrontação.

2. Os textos saussurianos originais e as questões da arbitrariedade e da realidade extra-linguística

Assim sendo, inicialmente vou dar uma visão geral desses textos originais do ponto de vista de suas divergências do CLG sobre as questões da arbitrariedade e da realidade extra-linguística.

2.1. A questão da arbitrariedade

O exame desses textos mostra que o conceito de *arbitrariedade do signo* em si é, em grande parte, uma ilusão de óptica do CLG.

Há um problema relacionado à noção de signo em si, sobre o qual devo dizer algo.

O termo *signo* é empregado por Saussure ao longo de suas aulas e de seus escritos, em duas acepções: uma designando a entidade global composta por um conceito e uma imagem acústica e outra designando somente a imagem acústica. Saussure justifica esta dupla acepção de uma maneira particular. Ela é fundada em um problema que, longe de revelar uma escolha terminológica, reflete a realidade dos objetos em questão: ele está realmente convencido de que toda palavra escolhida para designar a entidade linguística global é naturalmente sujeita a uma mudança de sentido e tende a designar apenas a imagem acústica. Ele constata ainda que as diferentes

terminologias que se têm adotado para designar o conceito e a imagem acústica (*apòsème / parasème, sòme/ contre-sòme*, etc) não alteram em nada este dado: a designação global (para a qual ele emprega palavras como *signo*, *termo* ou *palavra*) tende a deslizar em direção a uma designação unicamente acústica. “É aqui, ele escreve, que a terminologia linguística faz seu tributo à verdade ainda que nós percebamos isto como um item de observação”

Sabe-se que Bally e Sechehaye tomaram a decisão de estender retroativamente a todo o texto uma das dicotomias operadas por Saussure, que de imediato se tornou a célebre *significante/significado*. Este par terminológico foi utilizado pela primeira vez por Saussure em 19 de maio de 1911, a retificação retroativa de Sechehaye e Bally se reporta às aulas de 02 a 12 de maio – intituladas respectivamente de *Natureza do signo linguístico*, *As entidades concretas da língua*, *As entidades abstratas da língua*, *Arbitrariedade absoluta e arbitrariedade relativa*.

No entanto, Saussure introduziu explicitamente a dicotomia terminológica para dissipar a ambiguidade da palavra *signo* – em que, diz ele, “anteriormente usávamos a palavra signo que causava confusão.”².

Ele volta a este lugar, nesta ocasião, sobre este conceito escorregadio ao acrescentar:

Nós não ganharemos ali a palavra que nos falta e que designaria sem ambiguidade possível seu todo “a bem dizer, o significado e o significante”. Não importa qual termo escolhamos (*signo*, *termo*, *palavra*, etc.), ele vai escorregar para o lado e correrá o risco de designar apenas uma parte. É bastante provável que ele não possa ter mais que isto. (...)³

Ele introduziu explicitamente o par *significante/significado* para dissipar a ambiguidade do "primeiro princípio ou verdade primária" enunciada em 02 de maio pela frase "o signo linguístico é arbitrário"⁴: ele disse essa frase em 19 de maio, de acordo com as notas do caderno de Joseph, "poderia levantar a questão da terminologia" e, em seguida, ele propõe a seus alunos modificar a fórmula de 2 de maio, substituindo por "a ligação que une um significante a um significado é arbitrária".

²Nota do autor: 1.151.1119.AM2à5 (A referência aos textos saussurianos originais remete à edição crítica de R. Engler: *Cours de linguistique générale*, Otto Harrassowitz, Wiesbaden, 1968 e 1974. Ela compreende sucessivamente: - o número do tomo (1 = 1968; 2 = 1974); - a página; - a indexação Engler do fragmento; - o número de coluna na página (se esse número é precedido de “AM”, trata-se de uma amálgama entre duas ou mais colunas).

³ 1.151.1119.AM2à5.

⁴ 1.152.1121.AM2à5.

Se geralmente Bally e Sechehaye em seu texto empregam a dicotomia *significante/significado*, não a conservarão na palavra *signo*, ao qual conferem de modo intenso o sentido de *entidade global*, e isso sem mencionar o problema levantado por Saussure. De maneira geral, este viés terminológico - que não é, em si, oposto ao uso saussuriano - na verdade, esclarece efetivamente a escolha de Bally e Sechehaye. Porém, a questão do arbitrário, ao contrário de estar esclarecida como vamos ver, ela se mostra como uma fonte de confusão. Na verdade, se confrontarmos as 16 passagens do CLG que tratam do arbitrário às notas dos estudantes, esta confrontação traz as seguintes constatações:

Primeira constatação. Em todas as passagens em que a referência à questão da arbitrariedade por Sechehaye e Bally corresponde efetivamente a um ou mais enunciados de Saussure (isto é, 9 em 16 passagens), os editores parecem não ter prestado atenção à ambiguidade do termo *signo* e caíram na armadilha da própria escolha terminológica. De fato, nesses nove casos, o texto de Bally e Sechehaye mantém a palavra *signo* (que em sua terminologia refere-se à entidade global), enquanto que na origem do manuscrito a ocorrência do termo *signo* refere-se claramente a *significante*. Como resultado, a tríade retrospectiva *signo, significante, significado* tem aqui um efeito perverso de distorcer o pensamento saussuriano, o CLG dando a impressão de que Saussure previu um conceito global de arbitrariedade (incluindo uma arbitrariedade simétrica do significante e do significado), enquanto que, num sentido contrário, em todas as passagens o linguista se sustenta estritamente na ideia da imagem acústica para afirmar que ela não tem nenhuma ligação com o conceito que representa.

Em suma, de acordo com a aula dessas passagens, o que Bally e Sechehaye chamam *arbitrário do signo*, seria mais apropriado nomear, pela terminologia que eles escolheram adotar, *arbitrário do significante*.

Segunda constatação. Em todas as outras passagens do CLG (isto é, nos outros 7 casos), os enunciados sobre a arbitrariedade foram inteiramente criados por Bally e Sechehaye: eles falam novamente do *arbitrário do signo* mesmo que, desta vez, não haja proposição alguma sobre a arbitrariedade que figure nos textos originais. Esta segunda categoria de enunciados não reflete a apresentação saussuriana assimétrica de um arbitrário do significante, mas reforça, ao contrário, um conceito indiferenciado de arbitrariedade que sequer encontramos vestígio nos manuscritos.

Dessas duas constatações, parece que o conceito do *arbitrário do signo*, tal como foi apresentado no texto de 1916, pode ser considerado um conceito fantasma criado por Bally e Sechehaye.

Terceira constatação. De fato, há nas aulas de Saussure um caminho central em que o professor dá à noção de arbitrariedade uma extensão maior do que a de uma arbitrariedade do significante. Mas, muito curiosamente, esta passagem foi ignorada por Bally e Sechehaye⁵. Aqui está esta passagem resultante da aula de 12 de maio de 1911 (é a conclusão da apresentação sobre a arbitrariedade absoluta e arbitrariedade relativa⁶):

Mas eu quis com isso apenas indicar a oposição dos elementos arbitrários ou relativamente arbitrários como um fenômeno que causa surpresa facilmente. Nós não nos aprofundamos no fenômeno em si tanto quanto necessário. Trata-se de unir dois relacionamentos que eu não tenho separado. Falei até agora sem oposição. A ideia de relação arbitrária envolve duas relações que devem ser cuidadosamente distinguidas. Temos, de um lado, esta relação já discutida:

CONCEITO
IMAGEM ACÚSTICA

⁵ Nota do autor: Bally e Sechehaye não mencionaram essa passagem, mas ela está ausente na edição crítica de 1968-1974.

⁶ Nota do autor: Saussure vem ilustrar a limitação da arbitrariedade em oposição as línguas *lexicológicas* como o chinês (no qual o imotivado dos signos está em seu máximo) e as línguas *gramaticais* como o grego ou o sânscrito (no qual a sintaxe trabalha para motivar relativamente os signos).

e de outro, esta relação⁷:

TERMO A	TERMO B	TERMO C
CONCEITO	CONCEITO	CONCEITO
IMAGEM ACÚSTICA	IMAGEM ACÚSTICA	IMAGEM ACÚSTICA

Assim, a etiqueta de *arbitrariedade do signo* (se tomamos a palavra *signo* em seu sentido global – e para esclarecer, eu falarei muito da *arbitrariedade linguística* -), pode se prender a um conteúdo muito mais preciso do que aquele que emerge da argumentação indistinta de Bally e Sechehaye.

Na verdade, a arbitrariedade linguística para Saussure implica duas propriedades de natureza diferente.

A primeira propriedade de arbitrariedade, como vimos, é a arbitrariedade do significante ao olhar do significado. Esta propriedade não aceita que haja, numa língua dada, nenhum vínculo de necessidade entre uma forma conceitual dada e uma forma fonética dada que a representa, senão aquele criado pela convenção da tal da língua dita. Essa arbitrariedade não é uma tese original de Saussure: é a posição convencionalista clássica. É a arbitrariedade do *thesei* de Platão; aquela que é classicamente discutida a propósito das onomatopéias, a que encontramos na *Lógica* de Port-Royal, ou aquela que Whitney pretendeu para o adjetivo *arbitrary*. Se o aspecto assimétrico, quanto à arbitrariedade da relação entre o significante e o significado, é assim tematizado por todas as formulações saussurianas subjacentes às formulações de Bally e Sechehaye sobre a arbitrariedade do signo, essa assimetria, repousando no fato de que o significado é o primeiro do ponto de vista da arbitrariedade, equivale a nada menos que colocá-lo em primeiro em termos da natureza do signo linguístico. Esta é de fato uma tese explícita de Saussure, ainda que desenvolvida com cautela (daí, provavelmente, a sua exclusão do CLG). Esta tese é formulada na aula de 2 de junho de 1911 sobre o valor linguístico, na qual, depois de reintroduzir o princípio da arbitrariedade do significante, Saussure precisa a questão do valor (e é importante colocar estas formulações na história do pensamento saussuriano: elas situam-se todas no final): “Se um dos lados pudesse passar a ter qualquer fundamento em si mesmo, seria o lado conceitual⁸.”

⁷ Nota do autor : Citado a partir de Ferdinand de Saussure, *Cours de linguistique générale*, texto editado por E. Komatsu, Université Gakushuin, 1993.

⁸ 1.178.1329.5.

Esta frase da aula oral é confirmada por uma nota preparatória:

(...) na associação que constitui o signo não há nada a partir do primeiro momento em que dois valores existem um em virtude do outro (arbitrário do signo). Se um dos dois lados do signo linguístico poderia passar a ter uma existência em si, esse seria o lado conceitual, a ideia como base do signo⁹.

A segunda propriedade do arbitrário, distinta da que precede, é a arbitrariedade do valor. Esta segunda arbitrariedade é dupla: aplica-se de modo distinto ao valor do significante e ao valor do significado¹⁰. Aqui, a arbitrariedade não é apenas a contingência de um significante ligado a um significado, mas uma dupla contingência dentro do sistema de uma língua: todos os significantes se ligam a outros significados, todos os significados se ligam a outros significados. Se esta segunda arbitrariedade, contrária à primeira, é um aspecto original do pensamento saussuriano, a articulação da dupla arbitrariedade do valor com a arbitrariedade do significante não deixa de ser outro aspecto original desse pensamento, posto que a fundação do fenômeno linguístico, para Saussure, se liga ao fato de dois valores arbitrários, o valor fonológico e o valor conceitual, se articularem entre eles pelo vínculo arbitrário que liga o significante ao significado.

Apresentando, de um lado, paradoxalmente como eles fazem, os únicos argumentos concernentes à arbitrariedade do significante para intitular seu conceito do arbitrário do signo (dito de outra maneira, não tematizam a articulação da arbitrariedade do significante com a arbitrariedade do valor), e de outro lado, trabalhando para dar uma representação estritamente simétrica do signo linguístico (ambas as apresentações reforçam umas às outras), Bally e Sechehaye tornaram opaco o pensamento saussuriano - e alimentaram as discussões intermináveis sobre a questão do arbitrário, de 1916 até os anos 1970 (discussões que tiveram lugar entre os linguistas, ainda que me pareçam ser em grande parte de temas filosóficos).

2.2. A questão da realidade extra-linguística

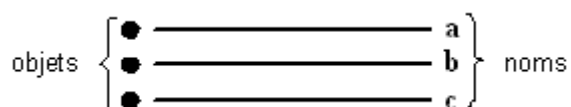
Trato agora da questão da relação da língua com a realidade extra-linguística.

⁹ 1.178.1329.6.

¹⁰ Nota do autor: Isto foi observado especialmente por Engler e Godel. Menos observado foi o modo como Bally e Sechehaye falsificaram, ainda que boa-fé, essa duplicidade conceitual. (Ainda que eu também reconheça a sutileza das análises de Engler e Godel quanto ao sistema do pensamento saussuriano, não concordo com o que diz Engler em 1962: que Bally e Sechehaye o refletem bem. Todavia reconheço que em relação ao debate conturbado do momento essa era a melhor coisa a se dizer!)

A análise dos textos originais revela, neste ponto, posições muito mais explícitas do que as do CLG. Encontramos de fato, em Saussure, a partir dos anos de 1890, uma formulação radical da exclusão do objeto extra-linguístico do ponto de vista do que ele chama de "lei geral do signo." Assim, em notas para um livro sobre a linguística geral, ele escreve:

Primeiro o objeto e depois o signo, ou seja, (o que sempre negaremos) a base exterior dada ao signo e a representação da linguagem pela seguinte relação:



enquanto que a verdadeira representação é: a - b - c, sem qualquer conhecimento de uma relação efetiva como * - a, fundada sobre um objeto¹¹.

Ou ainda, no rascunho de um artigo em homenagem a Whitney em 1894 – no qual, ao empregar a palavra *símbolo* no sentido de *signo*, Saussure fala de *símbolo convencional* (depois substitui *convencional* por *independente*, em seguida por *arbitrário*) - escreve:

Por símbolo independente entendemos as categorias de símbolos que têm como característica principal o fato de não ter vínculo de nenhum tipo com o objeto a ser designado, e de não mais poder depender, conseqüentemente, mesmo indiretamente, do curso de seus destinos¹².

e ainda:

Basta dizer que a força dos signos vem de sua natureza convencional, de sua natureza arbitrária, de sua natureza independente da realidade que eles designam (...).¹³

Além disso, Saussure distingue com muito cuidado, ao longo de sua reflexão, dois aspectos da irredutibilidade do significado: por um lado, sua irredutibilidade ao que ele chama de "esfera psicológica" (que ele nomeia ainda como "a esfera das ideias amorfas"), e por outro, sua irredutibilidade à realidade extra-linguística. Como vimos, se o significado pode ser considerado estruturalmente como anterior, ele não está menos distintamente definido pelo que é, nem por refletir uma ideia "invariável e influuável" preexistente à língua (utilizo os termos de Saussure), nem porque ele seria o reflexo dos objetos do mundo (a língua seria então uma nomenclatura)

¹¹ 1. 148.1088 à 1089.6

¹² 2.23.3297

¹³ 2.23.3297

Nesta lógica de uma distinção entre a esfera psicológica e a esfera dos objetos do mundo, é conveniente sublinhar que o termo *substância* (assim como seus equivalentes *matéria* ou *substrato*) abrange duas qualificações de Saussure diferenciadas, dizendo de outro modo, frente à língua, considera-se não *uma*, mas *duas* substâncias.

Há, por um lado, a *substância psicológica*, que inaugura uma relação estrutural e direta com o signo linguístico, posto que é a partir da desta substância psicológica que a língua realiza sua formulação semântica. Esta substância é a esfera de um estado amorfo¹⁴ das ideias que só se tornam verdadeiramente *ideias* ou *conceitos*, ou seja, *significados*, pela formulação linguística.

E há, por outro lado, a *substância dos objetos do mundo*, que em si não tem nenhuma relação direta com o signo linguístico, sendo sua relação, por definição, mediada pela substância psicológica.

Também a famosa fórmula, devido à iniciativa de Bally e Sechehaye, segundo a qual a língua “produz uma forma, não uma substância...”¹⁵ pode ser ambígua, pelo menos se fora do seu contexto¹⁶. Na verdade, ela não ganha o mesmo sentido ao olhar para o significado, por uma ou outra destas perspectivas:

- a primeira perspectiva (a da substância psicológica) implica que a linguagem é a formulação dessa substância

- a segunda (a da substância do mundo) implica que a língua *não é* a formulação dessa substância.

Ter uma ligação entre a substância psicológica e a substância do mundo não é, obrigatoriamente condição necessária para a teoria semiótica de Saussure. O que essa teoria propõe, simplesmente, é que essa ligação não é adequada para organizar o funcionamento do signo linguístico. É assim que Saussure pôde escrever no final dos anos 1890:

Quando se trata de alguma parte da língua, (...) sempre vemos surgir exemplos de palavras como árvore, rocha, vaca (...), ou seja, o que há de mais grosseiro em semiologia: quando ela é (pelo acaso os objetos que escolhidos para seres designados) uma simples onímica, quer dizer, nisto está a peculiaridade da onímica diante da semiologia. Ainda, no caso de haver um terceiro elemento incontestável na associação psicológica do sema, é a consciência que o aplica a um ser

¹⁴ 1.252.1821.5

¹⁵ 1.254.1837.1

¹⁶ Nota do autor: Capítulo: “O valor linguístico”; parágrafo “a língua como pensamento organizado pela matéria fônica”.

exterior bastante definido em si mesmo para escapar da lei geral do signo.¹⁷.

Ou ainda:

Se um objeto pudesse, onde quer que seja, ser o termo ao qual o signo é atado, a linguística deixaria imediatamente de ser o que ela é, de cima a baixo, e assim seria com o espírito humano, como se percebe a partir desta discussão.(...) [Quando consideramos a língua] é certamente lamentável que acabemos misturando como um elemento primordial este dado sobre os objetos designados que não formam nenhum elemento sequer. No entanto não há nada mais do que o fato de um exemplo mal escolhido, e colocando-o no lugar de fotografuras, (...), nos esquivamos da tentação de transpor a língua para algum extremo¹⁸.

Em outras palavras, se a um significado pode corresponder a um objeto extra-linguístico, é, sob a teoria do valor da semiologia linguística que concebe Saussure, um evento estritamente sem consequência.

Aqui é importante não subestimar o aspecto radical dessa teoria do valor: esses não são os nomes - árvore, pedra, vaca, sol, fogo, cavalo – que escapam à lei geral do signo¹⁹; são estes nomes que escapam à lei geral do signo, são os objetos que estão designados por estes nomes que, *a posteriori*, podem ser concebidos como específicos por critérios externos à convenção linguística. Além disso, a coincidência onímica é aqui, por definição, a propriedade de uma parte do discurso (de uma categoria sintática), e não uma propriedade do signo linguístico em si. Isto é o que Saussure postula em outro texto manuscrito - um texto que Bally e Sechehaye tinham diante de si no momento da redação do *Cours*:

O fundo da linguagem não é constituído por nomes. É um acidente se o signo linguístico corresponder a um objeto definido pelos sentidos como um cavalo, o fogo, o sol, mais do que à ideia como [qhce, “ele colocou”]. Seja qual for a importância deste caso, não há nenhuma razão óbvia, pelo contrário, para tomá-lo como um caso típico da linguagem. Sem dúvida, num certo sentido, para uma parte de quem o entende desta forma, ele é apenas uma falha sobre o exemplo²⁰.

Os cursos de linguística geral, ministrados por Saussure, confirmam de diversos modos esse status, paradoxal à primeira vista, do objeto extra-linguístico – a saber que essa não-coincidência estrutural se concilia com uma coincidência *a posteriori* (dito de

¹⁷ 2.36.3312.1

¹⁸ 1. 148.1091.6

¹⁹ Nota do autor: *arbusto, planta* ao lado de *árvore*, - *rocha* ao lado de *pedra*, - *vaca* ao lado de *boi*, *bezerro* são a prova.

²⁰ 1. 148.1088-1089.6 *Notas para um livro sobre a linguística geral*.

outro modo, de fato tal coincidência não tem consequência semiológica.). Portanto, Saussure não se priva de usar, na exposição geral de sua teoria do signo linguístico, exemplos de palavras “onímicas”, precisamente *árvore e cavalo*, ou ainda de confrontar muito claramente a ligação “onímica” de um objeto com um signo linguístico, como nesta passagem do segundo curso:

uma palavra pode chegar depois <var.: propagar-se gradualmente> em diferentes povos por meio do comércio. Assim, Hanf e cannabis: o cânhamo só chegou muito mais tarde na bacia do Mediterrâneo e depois foi transportado de norte a sul e com ele seu nome²¹.

enquanto afirma também o caráter radical da teoria do valor:

Se você aumentar um signo à língua, você reduz igualmente a significação dos outros. Da mesma forma, se não tivéssemos escolhido por, originalmente, apenas dois signos, todas as significações seriam repartidas entre os dois signos²².

e, de fato, Saussure ilustrara a exposição dessa teoria do valor não só como Bally e Sechehaye o reproduzem, pelo exemplo de *medo e pavor*, mas também, imediatamente após, por um exemplo “onímico” que os editores vão ignorar:

(...) os sinônimos medo e pavor só existem um próximo do outro, medo se valerá de todo o conteúdo de pavor a ponto de pavor não mais existir. Isto se dará da mesma forma com cão, lobo ainda que sejam considerados símbolos isolados.²³

Se a posição original de Saussure é então silenciada por Bally e Sechehaye, não vamos deixar passar sem observar a coerência da teoria refletida no CLG ao ponto de tornar o texto completamente enigmático sobre a questão da relação do signo linguístico com os objetos do mundo. Dessa forma, Jean-Claude Milner pôde escrever, em 1994, a propósito do significado no *Curso*: “O que é este conceito, quais são suas propriedades, parece impossível dizer algo sobre ele com mais clareza.”²⁴

3. Crítica da crítica de Benveniste

Os elementos que acabo de apresentar evocam por si a possibilidade de uma crítica, fundada sobre o Saussure dos textos originais, da crítica endereçada por Benveniste ao Saussure do CLG.

Eu gostaria agora de propor uma formulação desta crítica de modo crítico.

²¹ 1.502.3225.2

²² 1.160.1191.AM2à5 (trigésimo curso)

²³ 1.261.1881.2,3 (segundo curso)

²⁴ Nota do autor: “Retour à Saussure”, *Lettres sur tous les sujets*, Le Perroquet, N° 12, avril 1994.

Por isso, vou considerar sucessivamente três aspectos do artigo de Benveniste: 1º sua contestação do exemplo de *böf* e *oks*; 2º sua argumentação sobre *arbitrário* e *necessário*; 3º sua argumentação sobre o estatuto da realidade extra-linguística em relação à arbitrariedade.

3.1. O questionamento a cerca do exemplo de *böf* e *oks*

Ninguém discorda sobre o fato que, do ponto de vista da teoria do valor, o significado das palavras *boeuf* e *Ox* não pode, por definição, ser considerado como sendo *stricto sensu* o mesmo. Os excertos dos textos originais que citei não deixam dúvida de que Saussure está plenamente consciente do problema ligado ao exemplo dado em sua aula de 02 de maio de 1911, posto que, por um lado, tematiza de modo estrito a teoria do valor linguístico e, por outro, evoca diversas vezes esses "erros no exemplo", que são, em relação à teoria do valor, os signos onímicos. Por que então ele toma este exemplo?

Assim, porque, em sua aula – contrariamente a que Bally e Sechehaye fizeram no CLG – Saussure trata de ilustrar o princípio – crucial, mas trivial - da arbitrariedade do significante, isto é, de ilustrar a tese convencionalista da arbitrariedade. Para fazer isso, uma concepção ingênua da língua como nomenclatura é perfeitamente suficiente. Em outras palavras, a referência a um objeto tangível correspondente a um signo onímico permite evocar, *de fato*, o significado de uma forma imediatamente notável, e *boeuf* e *Ox* tendo os significados *maximamente* semelhantes, o exemplo ilustra perfeitamente a arbitrariedade do significante. Neste caso, a questão do valor pode ser deixada de lado. É precisamente este mesmo exemplo, sobre o sexo do animal próximo, que Saussure cita já em 1894 em seu artigo sobre Whitney, para ilustrar a tese do convencionalismo. Ele escreveu: "Não é mais difícil a palavra *cow* que a palavra *vacca* para designar uma vaca. Isso é o que Whitney jamais deixou de repetir (...)".²⁵

O que deixa claro, no meu entender, que Saussure faz uso deliberadamente de um exemplo tolo nessa aula de 2 de maio – data na qual ele ainda não havia desenvolvido diante de seus alunos sua teoria do valor -, é o fato de ter apresentado a noção de arbitrário do significante como “uma verdade primária”, evidente para todos, a qual ele somente elabora melhor nas aulas posteriores e que será articulada à sua concepção de língua enquanto sistema. Assim, em 9 de maio, Saussure explica como

²⁵ 1. 169.1264.4 *Notes pour un article sur Whitney*.

esse arbitrário do significante, que ele definiu inicialmente sendo um aspecto radical de todos os signos, se revela na realidade às vezes tanto um arbitrário radical quanto arbitrário relativo e, especialmente em 12 de maio, conforme vimos, ele esclarece que apenas apresentou a questão até então sob um de seus aspectos – o arbitrário e o significante - "como um fenômeno fácil de pegar", ele vai articular, só então, como vimos, a arbitrariedade do significante à arbitrariedade do valor, esclarecendo seu “erro no exemplo” voluntário da aula de 2 de maio.

Por fim, o que talvez tenha sido mais significativamente confundido por Benveniste é a formulação do CLG que ele cita no início de seu artigo da seguinte forma: "a ligação entre o significante e o significado é arbitrária ou mais simplesmente o signo linguístico é arbitrário"²⁶. (Não nos surpreendemos, depois que lemos a posição de Saussure sobre a arbitrariedade, que o encadeamento lógico destas duas proposições de Bally e Sechehaye não se baseia de modo algum nas anotações dos alunos de Saussure.) Com base nesta frase, e na concepção confusa que reflete, Benveniste vem simplesmente criticar um argumento relativo à arbitrariedade do significante com os argumentos relativos à arbitrariedade do valor.

3.2. A argumentação sobre arbitrário e necessário

A distinção saussuriana entre a arbitrariedade do significante e a arbitrariedade do valor arbitrário permite, também, esclarecer o debate sobre a arbitrariedade e a necessidade.

Esta distinção possibilita inclusive que não se veja nisso apenas uma simples controvérsia de natureza terminológica (como tendem a fazer os representantes da escola genebrina - Bally, Sechehaye, Frei nos anos 1940, mais Godel em 1957 e Engler em 1962²⁷ -: sua tese defende, grosso modo, que a perspectiva saussuriana pode finalmente concordar com a crítica segundo a qual o signo linguístico não é arbitrário, mas necessário (crítica formulada por Pichon em 1937²⁸ e, é claro, por Benveniste em 1939). Por que essa distinção esclarece o debate? Porque, *olhando para a arbitrariedade do significante*, temos que a arbitrariedade é o corolário de uma ligação biunívoca *necessária* entre o significante e o significado: em outras palavras, a

²⁶ Nota do autor: Bally et Sechchaye escrevem de fato *a ligação entre o significante e o significado é arbitrária, ou ainda, já que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante e de um significado, podemos dizer simplesmente : o signo linguístico é arbitrário.*

²⁷ Nota do autor: confirmando a posição de N. Ege em 1949.

²⁸ Nota do autor : “ La linguistique en France. Problèmes et méthodes ”, JPS 34, 1937, p. 28-48 - Pichon repete uma opinião expressa anteriormente em *Des mots à la pensée.*

arbitrariedade em si é fundada na necessidade da coexistência das duas faces do signo - e não há tampouco, no desenvolvimento de Benveniste sobre isso, nenhuma proposição nova em relação aos textos saussurianos originais que tematizem explicitamente essa necessidade²⁹. Pelo contrário, *olhando para a arbitrariedade do valor*, se arbitrariedade e necessidade coexistem também aqui, a sua fronteira corresponde a dois postulados teóricos bem distintos. De fato, a ligação de necessidade (ou seja, não-arbitrariedade) é aquela que une os diferentes termos *considerados enquanto formas* no cerne do sistema (reaparece a necessidade de coexistência – e é efetivamente essa necessidade que defendeu Benveniste), mas neste caso, a ligação de arbitrariedade (ou seja, de não-necessidade) não é uma ligação de forma com forma, ao contrário, articula uma forma linguística - significante ou significado - à substância (fônica ou psicológica) em que esta forma se sustenta.

Em suma, Benveniste, se evoca bem aqui os dois aspectos da necessidade (mas sem os colocar ao lado dos dois aspectos da arbitrariedade), enuncia uma crítica que, em relação à necessidade substancial, leva à falsa observação das pressuposições saussurianas que ela mesma representa, e deste modo, como vemos agora, essa crítica está fundada em uma concepção da relação entre forma e substância que não é, de modo algum, o projeto de Saussure.

E isso me leva diretamente para o terceiro componente desta crítica saussuriana retrospectiva de Benveniste.

3.3. A argumentação sobre o status da realidade extra-linguística cara a cara com o arbitrário

Se a substância implicada pela arbitrariedade, no momento em que diz respeito ao valor, não é a mesma em Saussure e Benveniste, é devido ao fato que, para Saussure, a substância formada pelo significado está claramente definida – tanto nos textos originais quanto no CLG -: é a substância psicológica, enquanto que, no raciocínio de Benveniste, a substância psicológica é pura e simplesmente ignorada. Doravante, onde Saussure fez questão de diferenciar “toda base exterior dada ao signo”, quanto às

²⁹ Nota do autor: Ela é apresentada por Saussure não como uma propriedade geral da língua, nas palavras de Benveniste, mas como uma propriedade particular da relação entre o significante e o significado - onde Benveniste pensa inovar com a expressão "impresso em espírito conjunto" encontramos no terceiro curso a afirmação que "os dois termos são concentrados no mesmo lugar psíquico por associação" (1148.1094.5); onde Benveniste fala de "consustancialidade do significante e do significado" o terceiro curso mais uma vez afirma que "o conceito torna-se a qualidade da substância acústica como a sonoridade torna-se a qualidade da substância conceitual" (1.233.1697.5).

relações que organizam o signo linguístico, para dar-lhe, ao contrário, uma base *interna* do significado – isto é, na formulação linguística da substância psicológica –, Benveniste refere-se a uma base exterior. Onde Saussure se recusa a considerar diretamente a ligação entre o signo linguístico e o mundo, Benveniste não considera que a ligação faça emergir a questão da arbitrariedade dessa ligação.

O que aconteceu com a substância psicológica em seu raciocínio? Simplesmente esquecida - é pouco provável -, assimilada à substância do mundo, ou ainda assimilada ao significado - o resultado é o mesmo: Benveniste, por sua vez, longe de ultrapassar Saussure, volta atrás situando novamente a questão no campo das concepções filosóficas clássicas. Saussure renova as posições clássicas, na medida em que tematiza uma ligação *indireta e paradoxal* da língua com a realidade. Não se trata de uma ligação de simples nomenclatura entre signo e objeto, nem mesmo da ligação mais sofisticada entre o signo revestido de um valor linguístico com o objeto, mas de uma ligação entre o mundo mediado pela formulação de uma substância psicológica. Em outras palavras, o linguista de Genebra inaugurou uma topologia em que a língua, o espírito e o mundo podem ser concebidos como três anéis distinguíveis, mantendo um conjunto de dois a dois ligados entre si pelo terceiro. (E eu acho que é precisamente esta topologia, fortemente implícita no próprio CLG, que inspirou a imagem do nó **borromeano** de Lacan).

Se há, no artigo de 1939, um surpreendente desvio do pensamento saussuriano, expresso, no entanto, claramente no CLG, é preciso reconhecer que o CLG induz Benveniste ao erro, por um lado, por não refletir as posições de Saussure sobre a questão dos objetos reais, e principalmente fazendo espelhar em seu texto a ilusão de um autor e fornecendo a Benveniste palavras que ele usa como suporte para uma hermenêutica infeliz. Assim, no momento em que este último cita Saussure ao escrever “mas ele assegurou logo em seguida que a natureza do signo é arbitrária porque ele não tem com o significado ‘qualquer vínculo natural com a realidade’” e acrescenta que ele vê isso como “o recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo” provando segundo ele que o genebrino “desconsidera a *realidade* da noção” e “se refere, apesar dele, ao fato de que esses termos se aplicam à mesma realidade”, ele revela que o final da frase sobre as quais Benveniste funda sua “prova de texto” é um produto de Bally e Sechehaye: todos os cadernos de alunos confirmam que o enunciado original foi “o símbolo ou o signo - aqui no sentido de significante - é arbitrário *no que diz respeito ao*

*conceito com o qual ele não tem nenhum vínculo.”*³⁰. A segunda prova que Benveniste acredita encontrar cai da mesma forma como a primeira, na medida em que escreve, ainda, que Saussure pensa o objeto quando fala de significado e que “a prova dessa confusão reside na seguinte frase com que observo o membro característico: ‘Se não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de sua essência uma vez que contém *um elemento trazido de fora*’. É justamente um ‘elemento trazido de fora’, ou seja, da realidade objetiva que este raciocínio toma como eixo de referência”. Ainda “um elemento trazido de fora” é uma formulação da crença de Bally e Sechehaye. Os cadernos dos alunos de Saussure atestam: “Se não fosse arbitrário, haveria uma restrição a essa ideia do valor; haveria um elemento absoluto.” *Absoluto* remete aqui à teoria do valor – à relatividade que rege a ligação entre os termos de um sistema linguístico – e não à realidade extra-linguística.

4. Conclusão

A título de conclusão, gostaria de compartilhar com vocês uma observação e uma pergunta.

Vale observar que Benveniste, conhecendo as circunstâncias que levaram à elaboração do CLG, não só toma o texto no sentido literal (o que é, no geral, compreensível), mas também vai além no sentido de construir um Saussure enunciador do texto de 1916. Ele fala, de fato, expressamente de Saussure como “o autor”. Ele escreveu coisas como “Saussure declara com suas palavras”, “Saussure, a contra-gosto, se refere na frase seguinte”, etc. Quase que na mesma época, alguém como Martinet terá uma atitude diferente face ao CLG: ele vai lançar a hipótese de que o CLG é uma “forma dura” do pensamento saussuriano. Ora Benveniste não é um espírito menos penetrante que Martinet. Então, esta é a minha pergunta, por que essa atitude perante o texto do CLG?

Uma ideia de resposta veio a mim durante a leitura do artigo de Claudine Normand “Benveniste, linguística saussuriana e significação”, no qual ela escreve que aparentemente Benveniste procura superar a perspectiva saussuriana alterando-a em direção de uma problemática filosófica.

De fato, Benveniste se dedica, por 30 anos, a elucidar o problema do sentido, o que parece continuar em todas as teorias linguísticas, por uma parte ao menos, mas por

³⁰ 1.155.1144.4

outra irreduzível, um conceito primitivo (isto é, um conceito relativo a um pressuposto metafísico). Encontramos, em numerosos artigos de Benveniste, uma ambivalência na abordagem das questões filosóficas. Esta ambivalência aparece bem na *Natureza do signo linguístico*, em que vemos esta fórmula ambígua na qual o problema do arbitrário é uma “transposição em termos linguísticos de um problema metafísico” - ou seja, a adequação do espírito ao mundo - um problema, acrescenta, “que o linguista pode ser um dia capaz de enfrentar com sucesso, mas que por hora é melhor desconsiderar.”.A ideia de resposta que me veio, formulei-a sob o modo interrogativo. Benveniste se vê motivado a reforçar a dimensão de uma pura epistemologia da linguística que Bally e Sechehaye fixam ao CLG, para enfraquecer uma outra dimensão diferente do pensamento Saussuriano, aquela de uma filosofia do espírito, - uma dimensão que ele pressentira (ela se confirma nos textos originais³¹), e que ele temeria, ela seria o reflexo do que aparece nele, para usar os termos de Claudine Normand, como seu próprio *desejo contrariado?*

Tradução: Roberto Leiser Baronas e Renata Carreon.

³¹ Sobre essa questão, cf. meu livro publicado *Introduction à la lecture de Saussure*, Payot, Paris, 1997